

**O EFEITO DO SUPORTE E AS ESTRATÉGIAS LEITORAS DO TEXTO POÉTICO
NA LEITURA POEMÁTICA INFANTIL**

Diane Blank Benck¹
Flávia Brocchetto Ramos²

“A infância é o *poço do ser*”.
(BACHELARD, 1988, p. 109)

INTRODUÇÃO

Ler pela primeira vez a mesma poesia escrita em livro, em computador e em caderno escolar produz o mesmo efeito no leitor? Acreditamos que não porque o suporte é um dos aspectos que devem ser considerados na leitura (CHARTIER, 2001). Desse modo, o objetivo deste estudo é analisar a repercussão de dois suportes para a leitura poemática infantil: a internet - uma ferramenta tecnológica avançada que congrega uma rede mundial de computadores - e o livro - um dos mais conhecidos e tradicionais suportes do texto. O gênero textual eleito para este estudo contrastivo é a poesia, texto representativo pela riqueza verbal, no campo lexical, semântico, sintático e pragmático, sendo potencializador da “inteligência linguística” (GARDNER, 1994) e, portanto, adequado para o desenvolvimento das capacidades e habilidades cognitivas infantis. Sendo assim, os objetos de estudo escolhidos para essa investigação são os ciberpiratas “Chá”, “Zigue-zague” e “Flechas”, integrantes do *site* www.ciberpoesia.com.br (desenvolvido a partir da obra *Poesia Visual* de Sérgio Caparelli e Ana Cláudia Gruszynski) e os poemas “A mulher gigante”, “O quartinho dos fundos” e “Príncipe Herculano: o chato” do livro *A mulher gigante* (2000), obra escrita por Gustavo Finkler e Jackson Zambelli e ilustrada por Laura Castilhos.

Este trabalho foi realizado em três etapas: coleta, transcrição e análise dos dados. A coleta de dados ocorreu em testagem única, realizada em dois espaços do ambiente escolar, o laboratório de informática e uma sala de aula, ambos localizados em educandário estadual. Os sujeitos eram três meninas da 3ª série do Ensino Fundamental, selecionadas pela professora da turma a partir dos critérios de proficiência em leitura e apreciação da leitura poemática. O experimento ocorreu a partir de um breve roteiro de apoio à condução da testagem baseado em questões que pretendiam verificar a interação leitora dos/nos sujeitos, a apropriação e compreensão dos poemas e as estratégias leitoras do texto poético utilizadas pelas crianças em diferentes suportes de leitura. A transcrição ocorreu mediante a escuta e digitação dos dados gravados da testagem, com as devidas adaptações. E a análise consiste no apontamento e

reflexão de dados que se mostram significativos ao longo do processo leitor em cada poema. O aporte teórico encontra-se mesclado à descrição e análise dos dados produzidos, e este estudo está dividido em conversas poéticas, suportes de leitura: *internet* e livro e leitura cibernética e em livro.

1 CONVERSAS POÉTICAS

A testagem se inicia com a apresentação do pesquisador e da proposta, a leitura de poemas na *internet* e em livro. Em seguida, os sujeitos foram indagados se costumam usar computador e *Internet* e sobre o que entendiam por poema/poesia. Os alunos respondem afirmativamente à primeira pergunta, sendo que o uso principal do computador é o acesso à Internet. Já as respostas da segunda questão evidenciam o discurso infantil e o discurso adulto. O discurso infantil, na caracterização da poesia como “uma coisa que acalma”, manifestando uma percepção que a leitura e/ou declamação de poesias mobiliza emoções, seja pela ativação de recordações, seja pela construção de imagens, através da fantasia (VYGOSTSKY, 1997). Isso manifesta a ligação da poesia com os sentimentos, o que é típico da arte. O discurso adulto, por sua vez, está presente no *feedback* infantil de que a poesia ajuda a ler e escrever melhor, o que é típico das finalidades práticas atribuídas à leitura, que segundo Versiani, negam a “natureza estética do texto poético” e não promovem um “fluxo de recepção poética” (2003, p. 51).

Com relação à conceituação de poema, a resposta dos sujeitos é bastante genérica. Poema é um texto/história que rima. Assim, o poema é apreendido pelos sujeitos como uma espécie de narração, só que poética, ou seja, no poema há uma história, um enredo. Tal posição demonstra que as crianças reconheçam categorias narrativas no poema como “(...) situação inicial, perturbação, transformação, resolução e situação final”, (SARAIVA, 2001, p. 53). É importante destacar que esse conceito de poema que as crianças possuem, já o diferencia em relação à poesia, aproximando-se da distinção que realiza Paz (1982, p. 16): “nem todo poema – ou, para sermos exatos, nem toda obra construída sob as leis da métrica – contém poesia. Por outro lado, há poesia sem poemas, paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos: são poesia sem ser poemas”.

Um aspecto significativo das respostas é que a poesia não é definida por si, é definida em função do que ela faz, o que demonstra a dificuldade de conceituar o termo. Parece que a

poesia precisa ter um fim, que não é o fim da poesia enquanto tal, mas um suposto propósito/finalidade/ serventia extrínseca.

Considerando a importância do suporte na leitura, já que suas características interferem no ato de leitura, na próxima seção serão brevemente apresentados os suportes utilizados nesta pesquisa, *internet* e livro.

2 SUPORTES DE LEITURA: *INTERNET* E LIVRO

Segundo Kleiman (2000), o suporte é um elemento paratextual cuja análise é fundamental para a leitura da intencionalidade do enunciador do texto, de forma que, não se trata apenas do local em que o texto se encontra, mas é parte, é dimensão do texto e, por tal motivo, é um dos aspectos constituintes do texto a ser lido.

A *Internet*, um dos suportes escolhidos neste estudo, caracteriza-se pela velocidade da informação, a simbiose entre escrita e imagem, as novas linguagens, as multiconexões. Dentre a pluralidade de modalidades textuais presentes na *Internet*, foi escolhido o ciberpoema, um objeto cultural contemporâneo, poesia interativa na *web*, que, de acordo com Antonio (2001), tem como atributos a “parataxe, descritividade, referencialidade”, a fusão palavra, imagem e som, a “visualidade, interatividade, hipertextualidade, interface, movimento, 3D”. O site de ciberliteratura escolhido, www.ciberpoesia.com.br, contém ciberpoemas e poemas visuais de linguagem simples, mas com significativa presença de metáforas e alta concentração do efeito estético da palavra.

Quanto ao livro, reconhecido pela sua fixidez e completude, seu livre acesso no tempo e no espaço, também se elegeu o poema, ao permitir a comparação com ciberpoema e devido ao seu caráter de “renovação linguística”, pois, segundo Versiani, “o poema pede um tipo de leitura com disposições para rompimento”. (2003, p. 51-3). *A mulher gigante* (2000) é um livro que reúne poemas infantis com atributos da poesia contemporânea infantil como “lirismo ritmado”, “humor conciso” e “brincadeiras musicais” (VERSIANI, 2003, p. 54-5) e, cujas características principais são a presença de rima e de diferentes figuras de linguagem - metáforas, metonímias, sinestésias, prosopopeias, onomatopeias. Os poemas do livro são musicalizados em CD que acompanha a obra, reunindo, portanto, recursos da palavra escrita e

oral. Os poemas escolhidos foram selecionados a partir dos critérios de presença de humor, desconstrução de conhecimentos prévios e indicativo da identidade do livro.

Ciberpoema e poema são dois gêneros textuais distintos, que embora comunguem do efeito estético da palavra e da literariedade, apresentam recursos e características peculiares, já que as novas tecnologias proporcionaram novas situações comunicativas e, portanto, novos gêneros (BRAGA, 2005). Gênero é entendido a partir de Marcuschi (2002, p. 19-20) como “fenômenos históricos”, “entidades sócio-discursivas”, “eventos textuais altamente maleáveis”, caracterizados principalmente por suas “funções comunicativas, cognitivas e institucionais” e relacionados a “atividades sócio-culturais” e “inovações tecnológicas”

Após breve comentário sobre os suportes *internet* e livro, será descrito e analisado nas próximas seções o processo de leitura realizado com cada ciberpoema e poema escolhidos para a presente investigação.

2.1 LEITURA NA INTERNET



Fonte: http://capparelli.com.br/ciberpoesia/ciber_cha.htm Data de acesso: 03/02/2009.

O primeiro ciberpoema a ser trabalhado foi “Chá”, integrante do *link* do site ciberpoemas. Cada criança manipulou individualmente o computador para efetuar a leitura, mas as três crianças estavam juntas uma ao lado da outra. As duas primeiras meninas que leram o poema não haviam descoberto o enigma: colocar todos os ingredientes e mexer a colher. Apenas após a terceira tentativa, obtiveram o resultado poemático do chá: “deixe a infusão o tempo necessário até que os nossos aromas e sabores se misturem”. Ao conseguir desvendar o enigma, a criança vibra. Percebemos nesta leitura a presença da lógica do faz-de-conta, do desafio, manifestando a dimensão lúdica (HUIZINGA, 1996). O ludismo é, pois,

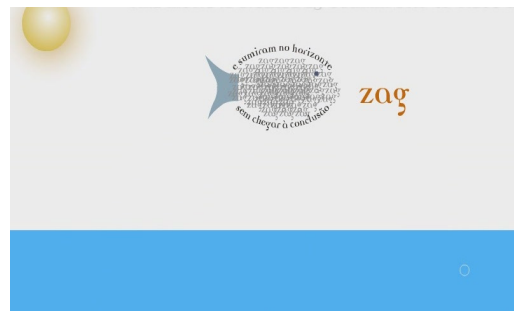
um dos caminhos que a escola poderia empregar no processo de instrumentalização e de incentivo para a leitura literária.

Além do ludismo, a interatividade é intrínseca à leitura cibernética, pois a mesma somente ocorre se o leitor se dispõe a realizar o pacto de um texto em movimento, texto que se faz na interação. A característica de construção/criação de sentidos pelo leitor evidencia-se com mais propriedade no hipertexto, segundo Lévy (1993) conjunto de nós/nodos, ou seja, palavras, páginas, imagens, gráficos, sons, etc, conectados em rede, que apresenta seis princípios: “princípio de metamorfose”, de “heterogeneidade”, de “multiplicidade” e de “encaixe das escalas”, de “exterioridade”, de “topologia” e de “mobilidade dos centros”.

As crianças reconhecem que esse não é um chá comum, é um chá poético de amor, já que nele se desenvolve a ideia do amor, através de ingredientes incomuns: estrelas, fotos de um casal, coração, entre outros. Para compreender o resultado do “Chá” era preciso saber o que é infusão, portanto, mostrou-se necessário definir o termo, conceituado como líquido advindo da mistura de água fervente e do conteúdo do saquinho de chá.

A sonoridade do poema é um aspecto presente em ciberpoemas como “Chá”. O som é apreendido como um efeito disponibilizado para simular a transformação, nas palavras dos sujeitos, já que tem um valor intencional. Trata-se de um recurso tecnológico, que, na opinião dos sujeitos, auxilia a leitura e inclusive mimetiza a identidade do objeto ser que representa. Ademais, som e ilustração estão imbricados na formação das imagens do poema, sendo as duas dimensões importantes para a sua constituição, de acordo com os depoimentos dos sujeitos.

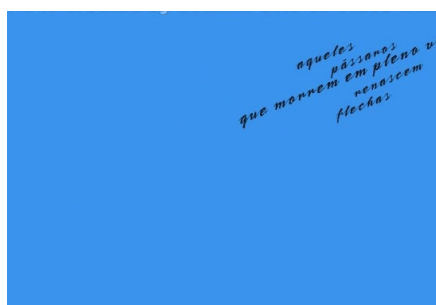




Fonte: http://capparelli.com.br/ciberpoesia/ciber_zigue.htm Data de acesso: 03/02/2009

Segundo Caparelli, Grynski e Kmohan (2000), o ciberpoema “Zigue-zague” pode ser dividido em três constituintes: “apresentação do título do poema e das personagens”; “construção do poema segundo versos/*design* estabelecidos na versão impressa” e “*frame* a partir do qual se abre a possibilidade de interagir com o texto através das opções dispostas em *links*”. Esse foi o ciberpoema que apresentou maior entrave para a leitura dos sujeitos, de forma que se mostrou necessário um acompanhamento de leitura para verificar as inferências/hipóteses realizadas. Os sujeitos conseguiram associar a ideia de zigue-zague aos dois peixes, perceberam que a nuvem de letras formadora dos peixes era constituída de letras integrantes das palavras zigue-zague e que o poema está dividido em duas partes ou dois caminhos. Em um primeiro momento, não foi percebido que os peixes não haviam chegado a nenhum lugar, mas após novas exibições do ciberpoema, perceberam que os peixes nadaram de um lado e de outro, mas não chegaram ao seu destino durante o tempo que passou (esse índice é marcado pelo sol). Somente após algumas tentativas de leitura mediada, as crianças observaram a ação/transformação no poema. Os sujeitos correlacionaram também os recursos poemáticos que exprimem o zigue-zague: barulho dos peixes nadando de um lado para o outro, expressando alternância e movimento.

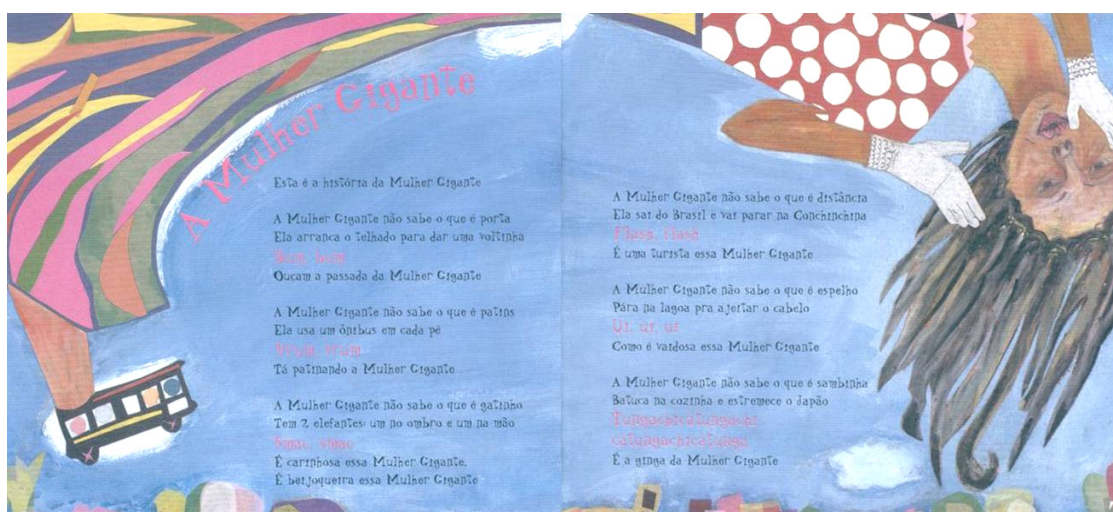




Fonte: http://capparelli.com.br/ciberpoesia/ciber_flecha.htm Data de acesso: 03/02/2009.

O poema “Flechas” é o mais sintético dos três focalizados. Com facilidade, os sujeitos depreenderam a metáfora pássaros-flechas, flechas são pássaros renascidos. O desenho de flecha feito pelas palavras e sua disposição, bem como o som da flecha foram marcas para a significação construída pelos leitores. Na obras infantis contemporâneas, é evidente um “forte apelo visual e o texto escrito, aliados algumas vezes a recursos sonoros e táteis, interagem com a criança e contribuem para a construção de significado” (RAMOS, PANOZZO, ZANOLLA, 2004).

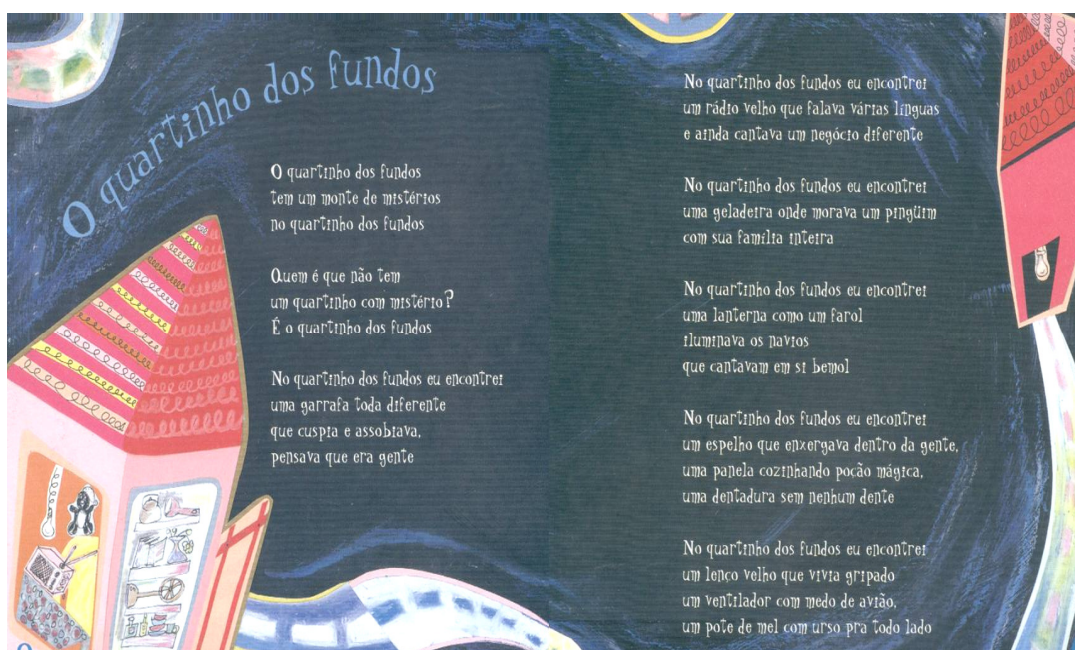
2.2 LENDO NO LIVRO



O poema “A mulher gigante” (FINKLER; ZAMBELLI, 2000, p. 6-7), inserido na obra de mesmo nome, representa a personagem. O traço de maior repercussão simbólica é a dimensão relativa ao tamanho, talvez por essa razão, que tenha sido o texto mais apreciado. A

imaginação infantil pode ser vista como um caminho para a criação. Segundo Vygotsky (1997, p. 7), toda realização humana criadora, antes de se materializar, passa pela imaginação. Aqui, os sujeitos podem transpor o que está no texto para outras situações (reais e irreais), imaginando as consequências das ações representadas no poema. Um exemplo, são as situações imaginadas pelas crianças, a mulher gigante caminhando, a roupa que usaria, como entra num ônibus e o tamanho do pente dela. As hipóteses das crianças são originais quanto ao significado de palavras desconhecidas como Conchinchina, “um lugar da China” ou “tipo de concha” também evidenciam a capacidade imaginativa.

Os sujeitos da pesquisa refletiram sobre a intencionalidade da ilustração e da criação artístico-verbal, compreendendo que, para simbolizar uma mulher gigante, era necessário que ela estivesse desenhada sobre o poema e que os prédios fossem pequenos, por exemplo. Já quanto à intencionalidade do som, reconheceram a onomatopeias e seu papel representativo. Nesse aspecto, evidenciou-se um dos princípios da escrita, representar os sons e uma das tarefas da leitura, “recuperar ou inferir as intenções do autor do texto, mediante o reconhecimento de símbolos gráficos” (OLSON, 1997, p. 288).

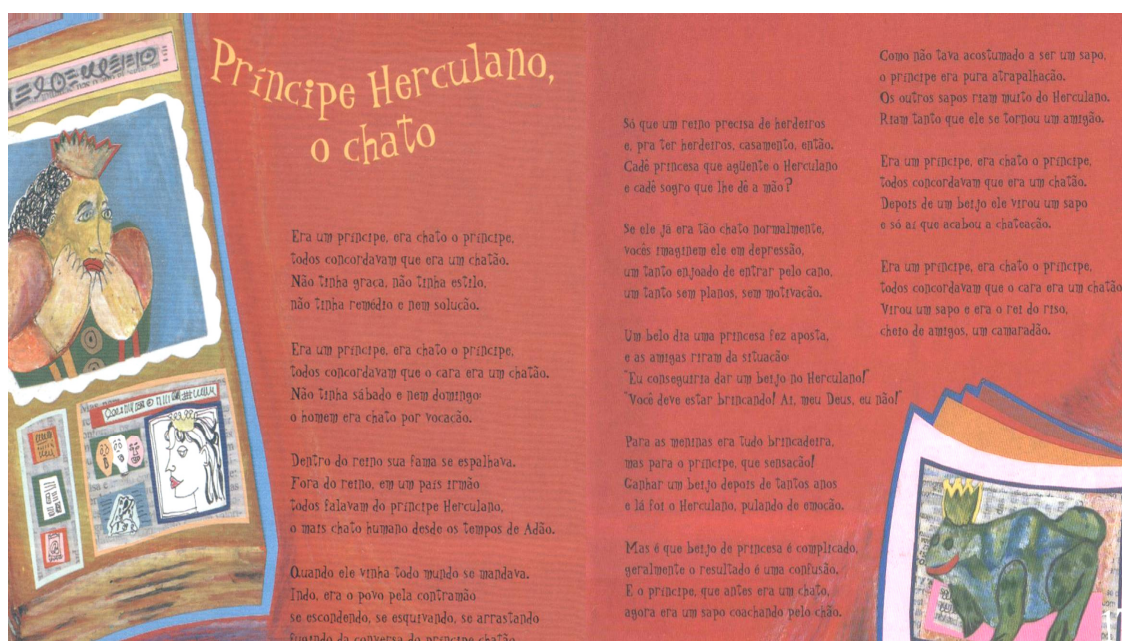


No poema “O quartinho dos fundos” (FINKLER; ZAMBELLI, 2000, p. 8-9), os elementos do medo e do mistério são expressivamente trabalhados através da palavra, da imagem e do som, de modo que a literatura auxilia na vivência de emoções primárias como o medo, já que o experimentar “problemas e soluções vivenciadas através da ficção, auxilia na

resolução das questões reais vividas pelo homem” (RAMOS, 2005, p. 5). Nesse mesmo plano, aparece a fantasia como uma das formas de tratamento dos temas, que o adapta ao público infantil (ZILBERMAN, 2005).

O mistério da descoberta do oculto é percebido pelos sujeitos como explicativo da expressão “o quartinho dos fundos”, o último quarto, o quarto escondido. No campo visual, o emprego do preto e do azul-marinho denota a escuridão, o não-descoberto. As crianças percebem a escuridão proposta pela visualidade, pois, conforme Bachelard, a “infância vê o mundo ilustrado, o mundo com suas cores primeiras, suas cores verdadeiras”. (1988, p. 112). A visualidade de “O quartinho dos fundos” é densa, fechada, unido-se a proposta semântica sugerida pela palavra. A geladeira é destacada pela ilustração que tem outros objetos citados no poema. O som do poema sugere terror, categoria percebida na escuta do poema musicado.

A priori, os elementos do quartinho não teriam existência concreta, no entanto, as crianças não veem dessa forma. Duas meninas listam como impossíveis o espelho e a lanterna do poema, por exemplo. Já a garrafa que cospe (pois ela cospe água) e a geladeira (tem um casal de pinguins, é possível que eles vivessem nesse ambiente) são objetos considerados possíveis. Isso evidencia a capacidade imaginativa infantil e o quanto as crianças transpõem o pensamento adulto, por vezes tão linear.



Após a leitura poemática de “Príncipe Herculano: o chato” (FINKLER; ZAMBELLI, 2000, p. 16-17), as crianças foram indagadas se elas conheciam alguém tão chato quanto o

príncipe Herculano, ao que elas responderam afirmativamente, citando colegas, irmão, padrinho e contando situações que viveram com essas “pessoas”. Nisso se percebe que nas conversações ocorre uma ativação de memórias, e os sujeitos tendem a contar experiências pessoais. Bachelard (1988) explica que no contar/narrar, os indivíduos recriam e fantasiam, de forma que a memória nunca é memória pura, sempre é inventada.

O princípio do conto de fadas mostrado ao contrário no poema é um aspecto de desconstrução da palavra e da ironia, sendo uma das pistas textuais mais importantes para a leitura do texto. Os sujeitos logo apreenderam esse aspecto, verbalizando o conhecimento do conto “O sapo e a princesa”, que segundo as crianças é “um conto parecido, só que ao contrário”. Também perceberam a diferença fundamental: a distinção do príncipe Herculano em relação a outros príncipes (Herculano era chato e não havia remédio para ele, porque não há remédio para chatice), ainda notaram as ações realizadas e as modificações comportamentais do personagem: Herculano, de chato tornou-se querido, de príncipe tornou-se sapo.

A ilustração foi significativa nesse poema, pois as respostas denotaram o entendimento de que a primeira página apresenta o príncipe com um rosto que denota medo e aborrecimento (seu estado inicial), e a segunda página mostra o sapo risonho com uma coroa, porque assim é o estado final.

Sob outro prisma, no poema “O príncipe Herculano, o chato” está presente em alto grau uma das características da poesia infantil: o emprego do ilogismo, já que é uma situação absurda um príncipe transformar-se em um sapo. Essa característica também está presente em “Chá”, “Flechas”, “A mulher gigante” e “O quartinho dos fundos”. Conforme Zilberman (2005, p. 140) na poesia destinada às crianças, “o autor pode estender ao máximo a criatividade, propondo situações fantásticas ou inverossímeis, aceitáveis, porém, graças ao intuito de divertir o leitor”.

Realizada a descrição do processo de leitura com cada ciberpoema e poema empregados nesta investigação, na próxima parte será proposto um breve paralelo entre a leitura na *internet* e em livro.

3 LEITURA CIBERNÉTICA E EM LIVRO

A relevância do suporte é um aspecto a ser considerado neste ponto. Na Internet, é importante destacar que o leitor tem uma diversidade de caminhos para a constituição de seu

texto, é cambiante, a prática leitora é nomeada como uma tarefa de “*hyperleitura*” (CHARTIER, 2000). Nesse tipo de interação se estabelece um pacto de criação, o leitor, ao eleger um dos caminhos do ciberpoema, não deixa de estar interferindo no texto eletrônico e, portanto, sendo também seu criador. O leitor constrói um novo texto, a partir do texto original e de seu conhecimento prévio.

A leitura é entendida como a elaboração de um novo texto, “um fenômeno de intertextualidade” (LARROSA, 2003). Assim, o ciberpoema tem como principal característica a necessidade da interação, pois nesse, há um processo intenso de autoria e personalização. Esses são alguns aspectos do suporte virtual que, segundo Pan (2005), exige domínio de ferramentas da rede, compreensão de *links*, símbolos, imagens, ícones e sons, enfrentamento de desafios e emprego de estratégias de navegação.

Algumas diferenças estruturais nos dois suportes foram relatadas, a partir das quais se estabelece um paralelo. Segundo os depoimentos dos sujeitos, no computador, os poemas e suas letras são menores, o processo é mais rápido e é necessário operar o computador para continuar a leitura. Já no livro, existem mais cores, os poemas são maiores. As crianças parecem supor que não há uma inteireza no computador, como se os ciberpoemas fossem incompletos ou apenas pedaços de poemas. Talvez isso se deva a sua brevidade, que faz com que o sujeito não reconheça a completude, mesmo em uma pequena unidade poética. O livro, por sua vez, ao ter a dimensão da página, da sequencialidade, da disposição do texto, além de ser um dos suportes de leitura mais tradicionais, é reconhecido como o “lugar de leitura”.

A partir dos comportamentos observáveis, notamos que as estratégias de leitura do texto poético em meio eletrônico vinculam-se a procedimentos de tentativa e erro, já que existem diferentes caminhos de criação, que são escolhidos pelo leitor e porque existem certas restrições de suporte. A leitura de ciberpoemas mostrou-se mais difícil para as crianças, porque o suporte é novo para elas e parecem, num primeiro momento, não compreender alguns princípios do ciberpoema. Além disso, na leitura cibernética há mais intervenção de um sujeito na leitura do outro, um fator explicativo é o fato de o computador exigir ação imediata do sujeito. Ressaltamos ainda que a leitura é um processo orientado para o resultado, e as crianças sempre querem descobrir logo o fim do ciberpoema. A não linearidade da leitura cibernética, associada à incerteza, pode ser considerada marca da leitura nesse tipo de suporte, pois há diferentes caminhos de leitura e o leitor identifica apenas alguns caminhos ou titubeia

sobre qual caminho de leitura escolher. Já a leitura em livro é mais sequencial e linear, porque o livro expressa estabilidade e unidade.

Como pode ser visto, a leitura cibernética exige uma outra habilidade de leitura e um outro tipo de leitor. É sabido que houve transformações culturais, cognitivas e sociais no trânsito do texto escrito para o digital. A estruturação de conhecimentos pela rede, através da leitura hipertextual, é muito distinta da textual. Segundo Braga, o hipertexto apregoa “um modo de organização do pensamento” distinto daquele formado através do exercício leitor de textos “sequenciais e hierárquicos” (2005, p. 758). Uma das consequências desse processo é a exigência de mediação na era digital, marcada por novos gêneros textuais. Nesse aspecto, observamos certa incompatibilidade, pois a escola continua apenas formando leitores de livros. Ponciano (2007) aponta que “para a coexistência de uma forma de inteligência que contemple a complexidade, a participação, a colaboração e a multiplicidade de visões de mundo e um sistema escolar que permanece exigindo um estilo linear e dedutivo de leitura” (2007, p. 140). Analogamente, considerando que a leitura poética infantil pode ser expandida através do tipo de mediação conduzida, ressaltamos a importância da inserção do texto poético em sala de aula, que contemple a multiplicidade e a polissemia do mesmo.

Quanto às características comuns da leitura realizada na *Internet*, através do *site* ciberpoesia, e no livro *A mulher gigante*, os processos de leitura que mais mobilizam os sujeitos são os exageros e o ilogismo, desencadeadores de humor. Duas crianças disseram ter gostado mais da experiência com o livro, o que representa a maioria e uma, relatou ter apreciado mais a leitura no site.

No tocante aos textos poéticos, o ciberpoema mais interessante, de acordo com os sujeitos, foi “Chá”, pois, é o que “mais podemos mexer”. Essa posição denota a compreensão da leitura como um processo de interação, que mobiliza o sujeito a construir sentidos. Realmente, “Chá” é o ciberpoema mais dependente do leitor para se constituir, pois a infusão só pode ser preparada se o leitor disponibiliza os ingredientes e o modo de prepará-lo. Além disso, outro possível motivo da escolha de “Chá” é o seu tema, o amor, que por ser um sentimento universal, é apreciado. A riqueza da exploração visual e sonora do texto, cujos recursos tecnológicos causam impacto no leitor e/ou repercutem na interação, também é desencadeada pelas crianças. O poema do livro mais apreciado é “A mulher gigante”, porque é o mais engraçado. E sobrepondo-se a isso, destacamos a riqueza da ilustração do texto e o

exagero revelado pela ideia do grande, enorme, gigantesco, que, por ser tão diferente do tamanho das crianças, repercute de modo positivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, é preciso dizer que o estudo da literatura se revela fascinante por sua capacidade de ativar memórias, criar novas experiências, proporcionar deleite, enriquecer culturalmente, desenvolver a imaginação, a criatividade, a linguagem, enfim, por evidenciar-se uma forma de conhecimento específico, o conhecimento advindo da literatura e também o auto-conhecimento. Além disso, coexistem, nesta experiência, vários tipos de leitura, o ler para aprender, ler por prazer, ler para distração, ler para adquirir informação, ler por fruição, enfim, pela leitura, são criadas representações mentais (KINTSCH, 1998).

O leitor é um processador textual ativo, que mobiliza seus conhecimentos prévios, realiza inferências, associações, pressuposições, elaborando esquemas de representação textual através do emprego de estratégias e habilidades leitoras. As crianças comentaram predominantemente aspectos globais dos textos, pouco se atendo a questões específicas como vocabulário ou mesmo aspectos sonoros.

A testagem ilustra a leitura como uma “experiência solidária” (LARROSA, 2003). Os poemas e ciberpoemas trazem a perspectiva do fazer de conta, da construção e “des”-reconstrução da palavra, da musicalidade, da riqueza da imagem, configurando-se textos emancipatórios. Tanto os ciberpoemas quanto os poemas revelam-se sonora e visualmente ricos, e a ilustração agrega sentidos, amplifica o conteúdo verbal.

Na poesia, a palavra é plena de sentido, de forma a se revelar em primeira mão o texto mais adequado para a potencialização das inteligências infantis, em especial, a linguística. A investigação sobre a leitura infantil de poemas, independente do suporte, mostrou-se principalmente influenciada pela variável da interação, pois é evidente o quanto o processamento leitor de um sujeito interfere no de outro, de maneira que se pode falar numa leitura conjunta. A interação contribui para o aprendizado, pois aprendemos uns com os outros, mediados pelo ambiente.

Em relação à leitura cibernética, na experiência de leitura de ciberpoemas, pontuamos dois fatores importantes para a análise: a hipertextualidade e o processo de autoria do leitor.

Sob outro plano, observamos o quanto a experiência leitora na *Internet* propicia que o leitor amplie seus conhecimentos sobre tecnologias de leitura, pois lida diretamente com um texto híbrido: verbal, sonoro, visual, audiovisual e digital.

Já em referência à experiência de leitura através de um livro de poemas, notamos que o chamariz sobressalente para a leitura é a ilustração. Além disso, no caso específico da obra escolhida, a musicalização dos poemas tem igualmente uma função importante, orientando a leitura, ou seja, o plano sonoro emite pistas leitoras significativas.

Nas limitações e/ou sugestões para a continuidade do trabalho, podemos citar a importância da inserção de questões do tipo “O que é ler?”, “O que vocês costumam ler na *Internet*?”, para a melhor caracterização do perfil leitor. Outro índice é a necessidade de um trabalho de leitura completo sobre a capa da obra e a primeira página do site. Além disso, ficou muito claro que a leitura se modifica substancialmente em função do suporte, então o estudo abre possibilidades para outras pesquisas.

No tocante à preparação do experimentador, ressaltamos a importância de estar preparado para conduzir as diversas etapas da testagem, como por exemplo, a apresentação e elucidação do site, importantes para a contextualização dos ciberpoemas. Outro aspecto é a necessidade de o pesquisador responder às perguntas infantis que emergem na testagem, utilizando diferentes estratégias.

Quanto ao comportamento infantil, as crianças foram proficientes leitoras, evidenciando uma boa compreensão poemática e interpretando o código verbal e pictórico da obra. Além disso, dado que os textos poéticos apresentam elaborada enunciação gráfica, os sujeitos foram capazes de ler as “pistas” poéticas da visualidade. Um exemplo disso é o ciberpoema “Zigue-zague” em que as próprias letras balançam, reportando o movimento do vai e vem.

Sobre a leitura, em ambos os suportes, pudemos constatar o papel ativador de diferentes funções psíquicas infantis, como a percepção e a memória e o papel propedêutico, ao ensinar novos vocábulos e enriquecer sua linguagem. No entanto, a situação de leitura mostrou-se eficaz especialmente no desenvolvimento da fantasia infantil via literatura, de modo que a dupla de L - leitura e literatura - proporcionou momentos de mobilização de experiências, promoção de interação, ativação de fantasia. Desta forma, a interação com a poesia é uma ferramenta para a construção da subjetividade infantil ao entrelaçar vivência, memória e imaginação.

NOTAS

- ¹ Mestre em Letras (2008) pelo PPG - Mestrado (UNISC).
² Professora do Departamento e do Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

REFERÊNCIAS

- ANTONIO, Jorge Luiz. Considerações sobre a poesia digital. *Ciberpesquisa* - Centro de Estudos e Pesquisas em Cibercultura (PUC – SP), [S.I.], vol. 1, n. 3, abril/2001. Disponível em: <www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtf0und/404_3.htm>. Data de acesso: 09/01/2007.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205p.
- BRAGA, Denise Bértoli. Hipertexto: questões de produção e de leitura. *Estudos Linguísticos*, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), v. XXXIV, p. 756-761, 2005.
- CAPARELLI, Sérgio; GRUSZYNSKI, Ana. *Poesia visual*. Porto Alegre: Global, 2000. 31p.
- CAPARELLI, Sérgio; GRUSZYNSKI, Ana. Chá. [S.I.], *Ciberpoesia*, [S.I.]. Disponível em <http://capparelli.com.br/ciberpoesia/ciber_cha.htm>. Data de acesso: 03/02/2009.
- CAPARELLI, Sérgio; GRUSZYNSKI, Ana. Flechas. [S.I.], *Ciberpoesia*, [S.I.]. Disponível em <http://capparelli.com.br/ciberpoesia/ciber_flecha.htm>. Data de acesso: 03/02/2009.
- CAPARELLI, Sérgio; GRUSZYNSKI, Ana. Zigue-zague. [S.I.], *Ciberpoesia*, [S.I.]. Disponível em <http://capparelli.com.br/ciberpoesia/ciber_zigue.htm>. Data de acesso: 03/02/2009.
- CAPARELLI, Sérgio; GRUSZYNSKI, Ana; KMOHAN, Gilberto. Poesia visual, hipertexto e ciberpoesia. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n° 13, dez. 2000. Disponível em <www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/13/capparelli.pdf> Data de acesso: 20/06/2007.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: _____. (Org.) *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 266p.
- _____. *A leitura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 2000. 59p.
- FINKLER, Gustavo; ZAMBELLI, Jackson. *A mulher gigante*. Porto Alegre: Projeto, 2000. 29p.
- GARDNER, H. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Tradução Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 340p.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. Tradução João Paulo Monteiro. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. 243p.

KINTSCH, Walter. *Comprehension: a paradigm for cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 461p.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2000. 82p.

LARROSA, Jorge. *La experiencia de la lectura: estudios sobre literatura y formación*. 2 ed, rev e aum. México: Fondo de Cultura Econômica, 2003. 678p.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. 203p.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino* (Orgs). Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. 229p.

OLSON, David. *O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita*. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1997. 343p.

PAN, Maria Cláudia de Oliveira. Leitura e suporte digital: desafio para a EAD. Florianópolis, 12. CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABED, 2005. Disponível em <www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/151tcb3.pdf> Data de acesso: 20/06/2007.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 368p.

PONCIANO, Letícia Maria Borchat. Jovens leitores: interatividade e produção de sentido. In: ANAIS 16º Congresso de Leitura do Brasil, 10 a 13 de julho de 2007. UNICAMP.

RAMOS, Flávia. O que vamos ouvir hoje? Histórias da infância de descendentes alemães. *Revista Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 30, p. 25-36, 2005.

RAMOS, Flávia; PANOZZO, Neiva Senaide Petry; ZANOLLA, Taciana. Interação entre ilustração e palavra na literatura infantil. In: XVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS, 2004. Disponível em: <www.propesq.ufrgs.br/sic/resumossic/salao2004/LLA.pdf> Data de Acesso: 12/02/2009.

SARAIVA, Juracy. Narrativa literária: aspectos composicionais e significação. In: (Org). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001. 238p.

VERSIANI, Zélia. A diversidade da produção poética para crianças e jovens. In: *No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil*. (Org) Aparecida Paiva, Aracy Evangelista, Graça Paulino e Zélia Versiani. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 190p.

VYGOTSKY, L. *La imaginación y el arte em la infancia: ensayo psicologico*. 2 ed. México: Fontamara, 1997. 120p.

ZILBERMAN, R. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. 181p.

Recebido em 08/04/2009
Aprovado em 15/04/2009